

# ETNOGRAFIA DOS LUSÍADAS

POR

LUÍS LOBO

---

Há assuntos que parecem velhos e são, contudo, sempre novos.

Tal é o do movimento artístico, literário e científico dos decantados séculos XV e XVII, movimento êsse a que impròpriamente se deu o nome de Renascença, mercê da ilusão de que os humanistas repetiram as lições do passado helénico-romano, quando, na verdade, formas novas despontaram na arte e na literatura, quando novas doutrinas vieram sistematizar a filosofia.

Tôda a curiosidade intelectual da Renascença com os seus sônhos de glória e de progresso indefinido, com o seu entusiasmo pela beleza e pela sciência, desabrochou numa pleiade de espíritos de tal modo privilegiados pela natureza, que difficil é encontrar-se na história da humanidade outra época de maior brilho e de tamanho esplendor, que ofuscadas ficaram as de Péricles e de Augusto.

Os sábios e artistas da Renascença, pôsto que se inspirassem na antiguidade clássica, manifestaram individualmente uma tal variedade de conhecimentos e de aptidões que só a verdadeiros Proteus se podem comparar.

Conseqüência do humanismo, provocado na Europa ocidental pelos sábios gregos emigrados de Bizâncio, a Renascença encontrou na Itália o meio mais propício e mais fecundo para se desenvolver e para de lá se expandir.

É que ali pulsava sempre a tradição do mundo latino de que falavam os monumentos, ou pelo menos, as suas ruínas.

É que ali dominava a Roma papal, enérgica e avisada, impondo-se à cristandade, já na consagração do império de Carlos Magno, já na salvação do Catolicismo abalado pelo rude embate da Reforma.

Foi sem dúvida o Papado o mais inteligente impulsor da Renascença com a protecção desvelada aos sábios e aos artistas, que, no seu afan idealista, despertaram nas multidões todos os encantos da beleza, tôdas as blandícias da devoção e do êxtase.

\*

\* \*

Não deixaram de se reflectir em tôda a Europa os efeitos da civilização que da península dos Apeninos irradiava. Mas, em Portugal, é justo dizer-se, êsses efeitos fizeram-se sentir mais intensa e mais brilhantemente do que noutros países por o nosso estar talvez melhor preparado do que qualquer outro, fora de Itália, para mais facilmente se interpor na nova corrente civilizadora.

Concorria para isso o alargamento do horizonte da nossa intelligência, à qual se ofereciam os maravilhosos aspectos das terras e dos mares, que as caravelas lusitanas, sob o gesto pertinaz do Infante D. Henrique, iam descortinando.

Destá sorte, Portugal, cujos descobrimentos tinham atraído as vistas do mundo culto, entrara no movimento da Renascença como um factor importante e de tão subido valor que nas universidades de Paris, de Salamanca, de Bordeus, de Tolosa, de Montpellier, de Grenoble, de Alcalá, de Valladolid, de Gandia, de Roma, de Bolonha, de Palermo, de Nápoles, de Lovaina, de Ferrara, numa palavra, nos institutos mais proclamados da Itália,

da França e da Espanha, o ensino scientifico e literário era ministrado por sábios portugueses.

D. Afonso V, como seu pai e como seus tios, preza, não só as sciências e as letras, honrando os que as cultivam, mas ainda as artes, e isso com uma constância e uma consciência com que até então nenhum outro rei português fizera.

D. João II, com o seu pensamento humanista e imperial, estende igualmente a sua boa sombra aos escritores e aos artistas. Relacionado com Lourenço de Médicis o Magnífico, o Príncipe Perfeito dá vigoroso impulso às fontes eruditas convidando sábios italianos para virem escrever-lhe as histórias dêstes reinos.

A tipografia, esta feliz invenção, poderoso instrumento da difusão do saber, teve entre nós rápido acolhimento, pois Leiria jactava-se de ser a quarta cidade europeia, depois de Mogúncia, Bamberg e Subiaco, onde o invento de Gutemberg entrou em scena.

Depois, grande foi a protecção que o Rei Venturoso lhe deu na pessoa do alemão João Cromberger, intelligente impressor de livros, a quem foram concedidos privilégios e graças por um alvará, documento de muitíssima valia, historicamente considerado.

\*

\* \*

A exuberância de erudição, que a Renascença, com o auxílio da imprensa provocou, foi até exercer notável influencia nas princezas e damas da côrte, que chegaram a compor a celebrada Academia Feminina, na qual se distinguiram Hortênsia de Castro, a Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, e D. Leonor, filha do Marquês de Vila Real.

E, além destas, não devem ser esquecidas Joana Vaz, dama

da rainha D. Catarina, Paula Vicente, filha do preclaríssimo Gil Vicente, e D. Maria, princeza de Parma.

O Paço da Ribeira encheu-se da fina flor da elegância, da riqueza, da arte, da poesia e do talento; tudo quanto se distinguia por merecimentos e dotes de alma, coração e inteligência, fôrça e formosura, alegria e juventude, entrara nos sarãos da Côrte, nesses ócios encantadores em que o espírito esfusiava e o sorriso entontecedor das princezas e das fidalgas embriagava nobres e poetas.

E, dessa côrte saíram os reformadores das Ordenações afon-sinas: Rui Boto, Rui da Grã e João Cotrim.

E dessa côrte saíram também o reformador dos velhos forais portugueses — Fernão de Paiva — e o cronista-mor do reino — Damião de Gois.

E dessa côrte levantaram vôo para a África, Ásia e América todos os grandes guerreiros e navegadores.

E a essa côrte afluíram as especiarias, o oiro, os diamantes, os tributos de vassalagem de povos remotos e de raças tão diversas.

\*

\* \*

As individualidades substituem sempre as colectividades por uma espécie de concentração reflexa das impressões, das ideas e dos sentimentos, que constituem o feitio psicológico dos povos num dado momento.

É que a espontaneidade da natureza viva, no dizer de Claude Bernard, não é senão uma falsa aparência, e, portanto, as manifestações do pensamento, da arte e da literatura não nascem de per si, não surgem por um acto de vontade própria, mas sim por efeito dessa longa série de coeficientes extrínsecos, tais como o

clima, as mil relações e atritos que têm lugar no grupo social ou na família em conflito com o grau de energia psíquica do individuo.

O meio, no céu, ora azul ou nublado; no ar, ora perfumado e alegre, ora húmido e tristonho; na paisagem, já encantadora com as suas colinas e seus ribeiros, já carrancuda e sombria com as suas montanhas abruptas e escalvadas ou as suas planícies áridas e desertas; no mar, com o espelho das suas águas e a espuma das suas ondas; nos costumes, nas leis e nas crenças com o seu pitoresco, a sua justiça e a sua fé; nas acções dos homens com o seu feitio etológico, isto é, o seu carácter, umas vezes nobre e alevantado, outras mesquinho e perverso; na tradição, emfim, que paira sôbre tudo isso como um véu de misticismo e de sonho; o meio é, pois, o crisol donde saem tôdas as inspirações.

Por isso é que cada poeta tem o seu elemento.

Homero, que bordejara por entre as numerosas ilhas gregas, é o poeta do mar.

Virgílio e Teócrito são os poetas da terra habitada, agricola ou pastoril.

Dante é o poeta das noites e das sombras, das aparições que erram na obscuridade e dos sonhos que assaltam a imaginação enquanto as trevas nocturnas pesam sôbre a terra.

Milton é o poeta do ar; nêle penetra com o seu pensamento de cego como a ave que não se arreceia de quebrar as asas nas barreiras do éter.

Camões, o grande cantor lusitano, é o poeta dos descobrimentos e da audácia do homem para terminar a conquista do globo terrestre.

Todavia, Camões excede-os a todos, não só pela feição múltipla do seu talento, característico de muitos génios da Renascença, como também pela universalidade de noções e conhecimentos de que é riquíssimo o seu poema.

Luís de Camões, com a sua educação humanista, actor e espectador do grandioso drama de que a misteriosa Índia foi para nós teatro, possuidor de vasto saber adquirido nas suas viagens à África e ao Extremo Oriente, Luís de Camões não podia deixar de se mostrar um génio múltiplo à semelhança dos Vinci, dos Miguel Ângelo, dos Galileu, dos Descartes e de tantos outros, em quem *poder não teve a morte*. Foi poeta lírico, autor dramático, poeta épico e se teve a *mente às musas dada*, teve também o *braço às armas feito*.

No seu poema — os Lusíadas — em que tão bem se alia a arte com a ciência, em que há uma penetração íntima de realismo e de idealismo, a verdade transparece sempre envolta, segundo a frase de Eça, no véu diáfano da fantasia.

Vasta enciclopédia do saber no século XVI, o poema camoneano tem sido abundoso manancial donde se têm tirado monografias bastantes para constituírem uma biblioteca de análise lusidiaca.

A essas, se a *tanto me ajudar o engenho e arte*, mais uma pretendemos acrescentar — qual é a da etnografia dos Lusíadas.

\*  
\* \*

Nos cantos I, II, IV, V e VII insinua o poeta factos de carácter etnográfico de muito interêsse, nos quais, além de fina observação, se revela como que uma presciência da antropologia, ciência constituída ainda não há um século.

Ora, de tódas as sciências concretas, susceptíveis de apaixonarem o explorador, ou até o simples excursionista, a etnografia ou estudo descritivo dos povos sob os pontos de vista biológico e social, é provávelmente a que, para qualquer observador das coisas exóticas, deve ter a primazia sôbre tódas as outras sciências, à excepção, bem entendido, da história e da geografia.

Hamy qualifica a etnografia de estudo de tódas as manifestações materiais da actividade humana.

A etnografia ocupa-se do estudo de costumes, hábitos, caracteres morais e lingüísticos. Ela estuda a alimentação, a casa, o vestuário, as jóias, os adôrnos, os instrumentos de lavoura, as armas de caça e de guerra, os aparelhos de pesca, as culturas, as indústrias, os meios de transporte, os artigos de comércio, as moedas, as lendas, as tradições, as festas e cerimónias religiosas, as artes de tóda a espécie, em suma, tudo o que diz respeito à existência material e psíquica dos indivíduos, das famílias e das sociedades.

Assim apresentada, a etnografia aparece como um ramo da antropologia, que engloba tódas as manifestações da inteligência humana.

Considerando o poema de Camões como o mais curioso diário de viagem desde o Tejo a Calicut, seguindo o contôrno do Continente Negro até se chegar à Índia dos rajás, dos brâmanes e dos faquires, é natural que o poeta nos depare povos em graus diferentes de civilização.

\*  
\* \*

Para início, na estância LXV do canto IV, referindo-se Camões a Afonso de Paiva e Pero da Covilhã, mandados pela impaciência de D. João II como exploradores dum novo caminho para a Índia, já aqui se aponta a influência climatérica a subordinar os meios biológico e social.

«Viram gentes incógnitas e estranhas  
da Índia, da Carmânia e Gedrosia,  
vendo vários costumes, várias manhas  
que cada região produz e cria».

Na realidade, são os factores climatéricos, especificados na

temperatura, nos ventos, na altitude, na maior ou menor proximidades do mar e na latitude, os que determinam o género de vida, as occupaões ordinárias, a alimentação, coisas duma grandíssima influência nos usos e costumes. Augusto Comte chegou a reconhecê-la incontestável sôbre os fenómenos políticos. Por isso, não erramos considerando a história e a etnografia como funções da geografia e da metereologia.

Os portugueses, como anteriormente gregos, fenícios e cartagineses, foram grandes navegadores em consequência da situação geográfica dos respectivos países.

A preguiça não é o vício que domina num solo ingrato e sob um céu rude, como os da Dinamarca e da Holanda. Onde a vida é facil, em que a terra dá com profusão os seus frutos não exigindo cultura, são raras as virtudes fortes, que exigem uma grande e contínua tensão.

Duma justeza flagrante são, pois, os versos:

«Vendo vários costumes, várias manhas  
que cada região produz e cria».

Na estância VII do canto V duas perífrases nos ensinam que a frota de Vasco da Gama tinha passado o trópico de Câncer e que as gentes ora encontradas eram de raças negras.

«Passamos o limite onde chega  
o sol, que passa o Norte os carros guia,  
onde jazem povos a quem nega  
o filho de Clymene a côr do dia;  
aqui gentes estranhas lava e rega  
o negro Sanagá a corrente fria».

Transpostos depois o Equador e o trópico de Capricórnio, chegam os portugueses à Baía de Santa Helena, e aí

«desembarcaram logo na espaçosa  
parte, por onde a gente se espalhou,  
de ver cousas estranhas deseja  
da terra que outro povo não pisou».

De 8 a 16 de Novembro de 1497 ali estiveram os nossos navegantes que muito se esforçaram por se entenderem com os indígenas, *todos nus e da côr da escura treva, gente bestial, bruta e malvada*. No *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* os indígenas da baía de Santa Helena são descritos como «homens baços», que falavam «aos soluços», se cobriam de peles de animais, se alimentavam de carne de animais, de raízes e de mel colhido nos cortiços. Os *Lusíadas* referem-se a êste último facto, mas indevidamente (*aliquando dormitat...*) dão como preto o indígena:

«Vejo um estranho vir de pele preta,  
Que tomaram pela fôrça, enquanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquele  
Que não se vira nunca em tal extremo;  
Nem êle entende a nós, nem nós a êle,  
Selvagem mais que o bruto Polifemo.»

Regista-se o primeiro contacto de Europeus com os Bochimanes-Hotentotes, reconhecíveis pela côr diferente da dos negros Bântus, pela fala «aos soluços», diferente da dêstes que os Portugueses tinham já ouvido, pela própria timidez, pela alimentação de raízes, pelo estado de selvajaria, etc.

Dobrado o Cabo Tormentório, três dias depois arribaram as lusas naus à Angra de S. Braz, já na costa oriental da África.

«A gente que esta terra possuia,  
pôsto que todos etíopes eram,  
mais humana no trato parecia  
que os outros que tão mal nos receberam.  
Com bailes e com festas de alegria  
pela praia arenosa a nós vieram,  
as mulheres consigo e o manso gado,  
que apacentavam, gordo e bem criado».

As mulheres queimadas vêm em cima  
dos vagarosos bois, ali sentadas,  
animais que êles têm em mais estima  
que todo o outro gado das manadas.

Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,  
na sua língua cantam, concertadas  
co doce som das rústicas avenas,  
imitando de titico as camenas ».

O poeta acentua o contraste entre os aborígenes de Santa Helena e os da Angra de S. Braz: de facto, aqueles eram bochimanes, numa fase ainda primitiva, de todo selvagem; os segundos cafres, já num grau mais elevado de condição social.

A 10 de Janeiro de 1498 chegaram os portugueses à Aguada da Boa Gente, onde *só refresco* ali tomaram e nenhuma informação da Índia obtiveram por não compreenderem a linguagem dos naturais, *povo quasi mudo*, conforme o diz Camões na estância LXIX do canto V.

Penetrando pouco tempo depois

Num rio que ali sai ao mar aberto,  
bateis à vela entravam e saíam.  
Alegria mui grande foi por certo  
acharmos já pessoas que sabiam  
navegar, porque entre elas esperamos  
de achar novas algúas, como achamos ».

Era êste rio um dos braços do Zambeze, denominado pela nossa gente de Rio dos Bons Sinais por aí haver colhido alguns dados ainda vagos dessa tão almejada Índia.

Como se demorassem nesta arribada trinta e dois dias para se limparem as naus, que *dos caminhos longos do mar vêm sórdidas e imundas* e ainda para se dar sepultura aos companheiros arrebatados pela *doença crua e fria* — o escorbuto —, vem a propósito na estância LXXVI do canto V esboçar o poeta a fâcies etnográfica do gentio desta paragem.

« Etipos são todos, mas parece  
que com gente melhor comunicavam;  
palavra algú arábica se conhece  
entre a linguagem sua que falavam;

e com pano delgado, que se tece  
de algodão, as cabeças apertavam;  
com outro que de tinta azul se tinge  
cada um as vergonhosas partes cinge ».

Largando da Aguada dos Bons Sinais, entrou a lusa frota de singrar entre a costa etiópica e a famosa Ilha de S. Lourenço, denominada agora Madagascar, e ao pôr do sol do dia 7 de Abril de 1498 *na dura Moçambique emfim surgia*.

Ao verem aparecer uns *pequenos bateis cortando o longo mar com larga vela*, os nossos, cheios de ansiedade, perguntavam: *Que gente será esta? Que costumes, que leis, que rei teriam?*

Encontra-se a resposta a tais perguntas nas estâncias XLVI e XLVII do canto I.

« As embarcações eram na maneira  
mui veloces, estreitas e compridas;  
as velas, com que vem, eram de esteira  
de hūas fôlhas de palma bem tecidas;  
a gente da côr era verdadeira  
que Phaeton nas terras acendidas  
ao mundo deu, de ousado e não prudente  
— o Pado o sabe, e Lampetusa o sente — ».

Os quatro versos finais da estância formam uma perífrase com que o poeta quiere significar serem negros estes embarcações.

« De panos de algodão vinham vestidos,  
de várias côres, brancos e listrados;  
uns trazem derredor de si cingidos,  
outros em modo airoso sobraçados;  
das cintas para cima vêm despídos;  
por armas têm adagas e terçados,  
com toucas na cabeça, e navegando  
anaís sonorosos vão tocando ».

« Mal as naus portuguesas ancoraram,  
logo a gente estranha pelas cordas já subia;  
mostrava-se alegre e curiosa  
perguntando *pela arábica lingua: donde vinham?*  
*quem eram? de que terra? que buscavam?*  
*ou que partes do mar corrido tinham?* »

Satisfiez-lhes Vasco da Gama a curiosidade, dizendo-lhes:

« Os portugueses somos do Ocidente;  
imos buscando as terras do Oriente ».

Por seu turno lhes perguntou:

« Quem sois? que terra é esta que habitais?  
Ou se tendes da Índia alguns sinais? »

« Somos (um dos das ilhas lhe tornou)  
estrangeiros na terra, lei e nação;  
que os próprios são aqueles que criou  
a natureza, sem lei e sem razão.  
Nós temos a lei certa que ensinou  
o claro descendente de Abraão ».

« Esta ilha pequena que habitamos  
é em tôda esta terra certa escala  
de todos os que as ondas navegamos  
de Quíloa, de Mombaça e de Sofala:  
e por ser necessária, procuramos  
como próprios da terra de habitá-la;  
e porque tudo emfim vos notifique  
chama-se a pequena ilha Moçambique ».

Da leitura destes versos concluem-se os indícios etnológicos e etnográficos seguintes: os moçambicanos falavam árabe, não eram aborígenes da ilha de Moçambique e seguiam a religião de Maomet.

A vista de tais atributos fácil é de explicar os motivos determinantes da perfídia deste povo e da traição do de Mombaça para destruírem a armada portuguesa.

Bastava apenas o belamente expresso na estância LXV do canto I como proferido por Vasco da Gama:

« A lei tenho daquele a cujo império  
obedece o visível e invisível,  
aquele que criou todo o hemisfério,  
tudo o que sente, e todo o insensível;

que padeceu desonra e vitupério,  
sofrendo morte injusta e insofribil,  
e que do céu à terra emfim desceu,  
por subir os mortais da terra ao céu ».

\*  
\* \* \*

A 15 de Abril, domingo de Páscoa do ano de 1498, *chegava a frota àquela parte onde o reino Melinde já se via.*

« Enche-se tôda a praia melindana  
da gente, que vem ver a leda armada,  
gente mais verdadeira e mais humana  
que tôda a de outra parte já deixada ».

Nove meses são já passados depois que a frota lusitana largara do formoso Tejo. Durante tão longo percurso, em que os nossos audazes marinheiros tiveram de arrostar com incidentes de tôda a espécie, uns de origem metereológica, outros provocados pela maldade humana, não faltando também os da *pálida doença e triste morte*, só aqui, pela vez primeira, é que os novos Argonautas acharam repouso e doce conforto e recebidos são como amigos.

Pitoresco é o quadro que o poeta delineou nas estâncias XCIII a XCVIII, quando o rei melindano vai visitar a frota portuguesa.

Ei-lo:

« Viam-se em derredor ferver as praias  
da gente, que a ver só concorre leda;  
luzem de fina púrpura as cabaias,  
lustram os panos de tecida sêda.  
Em lugar de guerreiras azagaias  
e do arco que os cornos arremeda  
da Lua, trazem ramos de palmeira  
dos que vencem, coroa verdadeira ».

« Um batel grande e largo, que toldado  
vinha de sêdas de diversas côres  
traz o rei de Melinde, acompanhado  
de nobres de seu reino e de senhores.

Vem de ricos vestidos anornado,  
segundo seus costumes e primores:  
Na cabeça hũa fota guarneçada  
de ouro, e de sêda e de algodão tecida.»

«Cabaia de damasco rico e dino,  
da tyria côr, entre elles estimada;  
um colar ao pescoço, de ouro fino,  
onde a materia da obra é superada;  
cum resplendor reluze adamantino;  
na cinta a rica adaga bem lavrada;  
nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
cobrem ouro e aljofar ao veludo.»

«Com um redondo emparo alto de seda,  
nũa alta e dourada ástea enxerido,  
um ministro á solar quentura veda  
que não ofenda e queime o rei subido.  
Música traz na proa, estranha e leda,  
de áspero som, horrisono ao ouvido,  
de trombetas arcadas em redondo,  
que sem concerto fazem rudo estrondo.»

«Não menos guarneçado o Lusitano,  
nos seus bateis da frota se partia  
a receber no mar o Melindano  
com lustrosa e honrada companhia.  
Vestido o Gama vem ao modo hispano,  
mas francesa era a roupa que vestia,  
de setim da adriatica Veneza,  
carmesi, côr que a gente tanto preza;

«De botões de ouro as mangas vem tomadas,  
onde o sol reluzindo a vista cega,  
as calças soldadescas recamadas  
do metal, que fortuna a tantos nega,  
e com pontas do mesmo delicadas  
os golpes do gibão ajunta e achega;  
ao italico modo a aurea espada,  
pruma na gorra um pouco declinada.»

Nesta tão minuciosa descrição de nada se esqueceu o poeta:  
do vestuário é o feitio, é a côr, é o tecido, são os enfeites, são

as joias; das embarcações é o formato e as toldas preservativas  
do sol tropical; da cerimónia tôda é o ar alegre da gente que  
assiste das praias ao extraordinário espectáculo, são as sonoro-  
sas trombetas do concerto com as horrisonas bombardas a cele-  
brarem um dia de grande gala naquelas paragens do Índico.

\*

\* \*

É de notar a gradação que o poeta vai marcando nos tipos  
etnológicos dos Africanos desde a Baía de Santa Helena até Me-  
linda. Primeiro que tudo, embora supondo errõneamente negros  
os bochimanés-hotentotes, não deixa de assinalar diferentes graus  
de civilização, que parece progredir vindo da costa sud-occidental  
para a levantina.

Assim, quanto à indumentária os aborígenes a princípio en-  
contrados andavam todos nus; os do Rio dos Bons Sinais já tra-  
zem tanga e na cabeça delgado pano de algodão; os de Moçam-  
bique, esses usavam panos daquele tecido, mas brancos e listrados,  
andando despídos das cintas para cima e cobrindo-lhes a carapi-  
nha um turbante.

Porém, nos Melindanos a vestidura já não era tão rudimen-  
tar, tão singela. Estes vestiam *cabaia*s de purpúrea sêda, isto é,  
túnicas que desciam até o joelho e abriam ao lado; traziam na  
cabeça fotas de sêda e algodão, de várias côres.

Pelo que respeita às armas de guerra, marcou Camões fases  
análogas nesses diferentes povos: emquanto que os da Costa  
Atlântica atacavam Fernão Veloso a setas e pedradas, os de Mo-  
çambique, além do arco encurvado e seta ervada, munidos anda-  
vam de adaga e de azagaia.

Camões não faz menção alguma de qualquer espécie de em-  
barcação antes da chegada dos Portugueses ao Rio dos Bons

Sinais, onde grande surprêsa foi a deles quando acharam já pessoas que soubessem navegar.

Depois é que aparecem tipos diferentes de barcos, tais como os pangaios e as almadias, aqueles feitos de tábuas unidas por cordas e as segundas cavadas num tronco de árvore, tendo o comprimento de 27 metros por 3 de largura.

Para completar êste esbôço de etnografia comparada, cabe tratar da língua, isto é, do modo como Vasco da Gama e seus companheiros se entendiam com os indígenas.

Quanto aos bochimanês da Baía de Santa Helena, diz Camões na estância XXVIII do canto V:

«Nem êle entende a nós nem nós a êle.»

Só por mímica é que esta gente *bestial, bruta e malvada*, mostrou querer um barrete vermelho e alguns *soantes cascaveis pequenos*.

Na Angra de S. Brás, onde a lusa armada lançou ferro a 25 de Novembro de 1497 e onde se demorou até 7 de Dezembro, a-pesar dos naturais serem de mais humano trato, a-pesar-de as suas mulheres entoarem cantigas pastorís acompanhadas pelos sons de flautas rudes, nunca os nossos valentes marinheiros palavra alguma inteligível alcançaram dêstes negros que desse qualquer sinal do caminho para a Índia procurada.

O mesmo aconteceu na Aguada da Boa Gente, em que o povo *quási mudo* se mostrára.

No Rio dos Bons Sinais, onde um *padrão nesta terra alevantamos*, grande foi a alegria dos nossos por encontrarem quem os informasse, como se infere da estância LXXVII do canto V:

«Pela arábica lingoa, que mal falam,  
e que Fernão Martins mui bem entende,  
dizem, que por náos que em grandeza igualam  
as nossas, o seu mar se corta e fende;

mas que lá donde sai o sol se abalam  
para onde a costa ao sul se alarga e estende  
e do sul para o sol, terra onde havia  
gente assim como nós, da côr do dia.»

Os árabes, que na sua expansão proselitica e comercial se tinham estabelecido em tôdas as costas do Oceano Índico, impuzeram a sua religião e a sua língua.

Daqui resultou Camões considerar como têrmos sinónimos mouro e musulmano, e ter sido a língua arábica corrente em tôda a costa a partir do Rio dos Bons Sinais.

A 24 de Abril de 1498, a frota portuguesa *as velas dando*, para a terra da Aurora se partia, e a 20 de Maio da

«Celsa gávea os marinheiros  
enxergáram terra alta pela proa.»  
«Dizendo — alegre o piloto melindano:  
terra é de Calecu, se não me engano.»  
«Esta é por certo a terra que buscais  
da verdadeira Índia, que aparece;  
e se do mundo mais não desejais  
vosso trabalho longo aqui fenece.»

\*  
\* \*  
\*

Emfim, chegados são à Índia os Portugueses, à Índia, a êsse imenso reservatório da humanidade, à Índia, livro aberto onde cada qual pode encontrar os têmas de sua predilecção.

Assim, ao filósofo descobre a península indostânica um campo ilimitado de horizontes novos, de pensamentos, de conceitos, onde se podem respigar mil ensinamentos de ética ou de metafísica pura.

Ao etnógrafo, a Índia aparece porventura como um berço da humanidade, donde teriam acaso derivado quási tôdas as raças europeias e asiáticas, e cuja história, a religião, os costumes se perdem lá muito longe na infinidade dos tempos.

O médico aí se documentará no que respeita às taras supre-

mas do nosso pobre invólucro cárnal em volta das quais como que pairam a sugestão, a fascinação, a interposição de imagens, as curas por contacto ou por telepatia.

O teósofo e o espírita aí estudarão no vivo os mais extraordinários fenómenos de hipnose.

O artista pasmará diante do vigor dos altos e baixos relêvos, como à vista da delicadeza das estampas e da minúcia das velhas miniaturas; e não menos assombrado ficará ao contemplar o arco-boião gigantesco das architecturas.

Luís de Camões, não só pelo que da terra indiana mágica, maravilhosa e enigmática, lhe ensinaram as *Décadas* de João de Barros, mas também pelo que dela aprendeu *de visu*, tinha naturalmente de, no seu poema, dar maior relêvo à descrição desta parte do continente asiático, como efectivamente deu.

Em seis estâncias apenas, e isso com uma exactidão admirável, Camões descreve geográfica e etnograficamente o Indostão, indicando-lhe a forma, os rios e montanhas principais, bem como os seus habitantes com as suas religiões e suas lendas.

Eis como a tal propósito se exprime o poeta:

« Alem do Indo jaz e aquem do Gange  
um terreno mui grande e assaz famoso,  
que pela parte austral o mar abrange  
e para o norte o Emodio cavernoso  
jugo de reis diversos o constringe  
a varias leis; alguns o vicioso  
Mafoma, alguns os idolos adoram,  
alguns os animais que entre elles moram.»

« Entre um e o outro rio, em grande espaço  
saí da larga terra hũa longa ponta,  
quasi pyramidal, que no regaço  
do mar com Ceylão insula confronta;  
e junto donde nasce o largo braço  
gangetico, o rumor antigo conta  
que os visinhos, da terra moradores,  
do cheiro se mantem das finas flores.»

« Mas agora de nomes e de usança  
novos e varios são os habitantes:  
os Deliis, os Pátanas, que em possança  
de terra e gente são mais abundantes,  
Decaniis, Oriás, que a esperança  
tem de sua salvação nas resonantes  
agoas do Gange, e a terra de Bengala,  
fertil de sorte, que outra não iguala.»

Sintetisa o épico, como era óbvio, as várias seitas religiosas espalhadas na Índia, de que são inumeráveis as referentes ao *induismo*, cujo culto consiste numa veneração demasiadas vezes desordenada de fetiches e de ídolos, acompanhada de toques de sinos, de iluminações, de juncadas de flores; depois a música ulula ou suspira; as bailarinas dansam, as cabeças desvairam e o horrível quadro dos suplícios do inferno induista não consegue inspirar aos fiéis o respeito da moralidade.

Tôdas as superstições tem pululado e pululam na Índia. O animismo manifesta-se pelo culto dos antepassados, dos corpos celestes, das montanhas, dos rios, especialmente do Ganges, em cujas águas infectas vão banhar-se em massa os fanáticos Indianos.

O culto animista estende-se ainda às árvores, às conchas, às pedras, etc.

O totemismo também deixou vestígios não só em certas interdições alimentares, tal como a da vaca, mas ainda no culto muito espalhado duma multidão de deuses sob forma animal, nos mitos da criação e do dilúvio.

Quanto a lendas da Índia não tem conta; tantas e tantas são elas que Gaspar Corrêa deixou sobre isso uma obra composta de quatro volumes.

Camões cita apenas uma de muito sabor poético — qual a de certo povo das margens do Ganges se sustentar com o cheiro de finas flores.

Porém, curiosas e confusas são as que dizem respeito à origem do mundo e dos homens, sendo umas de transcendente misticismo a par de outras pueris e extravagantes.

Dentre elas citaremos: a que faz sair as coisas da Unidade primitiva dividida pelo poder do Desejo; e estoutra em que um gigante teria sido sacrificado pelos deuses e, dos seus membros, teriam procedido todos os seres; e ainda aquela na qual a alma primitiva do mundo se teria desdobrado num homem e numa mulher, depois num touro e numa vaca, em seguida num garranhão e numa égua, e assim sucessivamente, produzindo-se todos os seres até às formigas; e, por fim, a de tôdas a mais interessante: a natureza tôda teria saído dum ôvo de ouro, que produziu o primeiro homem, o qual com a palavra criou os deuses.

\*  
\*   \*  
\*

Quis a fortuna que os Portugueses encontrassem em Calecut um mouro tunisino, de nome Monçaide e falando a *lingua hispana*, o qual de *cicerone* lhes serviu, mostrando-se tão bom amigo que até regressou com os nossos a Portugal, onde se converteu ao cristianismo.

Em dez estâncias, da XXXI à XLI do canto VII, faz Camões falar Monçaide, que desta arte fica Vasco da Gama sabendo a história e costumes dos Malabares.

«Sabei que estais na Índia, onde se estende  
diverso povo, rico e prosperado  
de ouro luzente e fina pedraria,  
cheiro suave, ardente especiaria.»

É uma sinopse tal bosquejo.

«Esta provincia cujo porto agora  
tomado tendes, Malabar se chama,  
do culto antigo os idolos adora,  
que cá por estas partes se derrama;

de diversos reis é, mas de hum só fôra  
noutro tempo segundo a antiga fama:  
Saramá Perimal foi derradeiro  
rei que este reino teve unido e inteiro.»

«Porém como a esta terra então viessem  
de lá do seio Arábico outras gentes  
que o culto Mahometico trouxessem,  
no qual me instituiram meus parentes,  
succedeu que prégando convertessem  
o Perimal; de sábios e eloquentes  
fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto  
que presupôs de nela morrer santo.»

Resumindo as estâncias XXXIV, XXXV e XXXVI narra Monçaide que o Perimal fôra de vez para Meca e que, antes de partir, pelos parentes partilhara o seu reino poderoso, distribuiu pelos pobres as riquezas, e a um mancebo, que muito estimava, deixára Calecut, *cidade já por trato nobre e rica*, e De Samorim se ficou intitulado o novo soberano.

Continuando, diz o Monçaide:

«A lei da gente toda, rica e pobre,  
de fábulas composta se imagina;  
andam nós, e sómente hum pano cobre  
as partes que a cobrir natura ensina.  
Dous modos ha de gente, porque a nobre  
Naires chamados são; e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
a lei não misturar a casta antiga.»

«Porque os que usaram sempre hum mesmo officio,  
de outro não podem receber consorte,  
nem os filhos terão outro exercício  
senão o de seus passados, até morte.  
Pera os Naires é certo grande vício  
dêstes serem tocados, de tal sorte  
que quando algum se toca por ventura,  
com cerimónias mil se alimpa e apura.»

«Desta sorte o judaico povo antigo  
não tocava na gente de Samária;  
mais estranhezas inda das que digo  
nesta terra vereis de usança vária:

os Naires sós são dados ao perigo das armas; sós defendem da contrária banda o seu rei, trazendo sempre usada na esquerda a adarga e na direita a espada».

«Brâmenes são os seus religiosos, nome antigo e de grande preeminência; observam os preceitos tão famosos de hum que primeiro pôs nome à sciência: Não matam cousa viva, temerosos das carnes têm grandíssima abstinência; sòmente no venéreo ajuntamento tem mais licença e menos regimento».

« Gerais são as mulheres, mas sòmente para os da geração de seus maridos: ditosa condição, ditosa gente que não são de ciúmes ofendidos! Estes e outros costumes variamente são pelos Malabares admitidos. A terra é grossa em trato em tudo aquilo que as ondas podem dar da China ao Nilo».

Assim falava Monçaide, instruindo minuciosamente os portugueses acêrca dos usos e costumes malabares, dum modo geral pouco diferentes dos de outros povos da Índia, onde o regimen das castas é o fôssso insuperável que obsta implacavelmente à passagem duma casta para outra, bem como a tôda a ocidentalização.

Êsse regimen, que domina 75 % de população indiana, resiste a tôdas as evangelizações cristãs, quere sejam católicas, quere sejam protestantes.

Os cristãos da Índia andam apenas por uns cinco milhões numa população total de trezentos e tantos milhões, de que 21 % são maometanos.

Os livros sagrados da mais alta antiguidade são concordes em afirmar que tão imprescritível regimen emanou do próprio *Brama*, dêsse deus supremo dos antigos hindús, o qual tirou os

*brâmanes* da cabeça ou da bôca, os *kchatryas* dos braços, os *vaisyas* do ventre e os *sudras* dos pés.

Esta origem anatômica das castas indica-lhes desde já a ordem hierárquica: o *brâmane* superior ao *kchatrya*, êste ao *vaiśya*, que ainda está acima do *sudra*.

Fora desta hierarquia, como escória social, refugio impuro, sinónimo de vergonha e de infâmia, o *pária* é deitado à margem como se fôsse um zero da existência, como se fôsse pestilento vírus, do qual ninguém se deve aproximar.

As denominações de *naire* e de *poliá*, de que se serve o poeta, usadas na parte meridional do Indostão, são equivalentes às de *kchatrya* e de *pária*, de uso corrente no norte.

Mas, como aparece o *pária*? Qual é a sua origem?

O *pária* ou *poliá* resulta sempre duma transgressão à lei de Manú, código teocrático dos brâmanes, espécie de catecismo religioso, moral e cívico, em que tudo se acha regulamentado.

Essa lei proíbe o casamento entre individuos que não sejam da mesma casta.

Essa lei não permite o uso de certos alimentos.

Essa lei não perdoa o esquecimento de certas práticas religiosas.

Essa lei obriga a que cada individuo permaneça tôda a vida no mesmo officio ou mister que os filhos herdarão.

O castigo ao que infringe qualquer destas prescrições é a degradação da casta a que pertencia, é a repulsa por tôdas as castas do réprobo tornado *pária*, cujo contacto é preciso evitar para o contagiado não incorrer em igual castigo.

A condição da mulher hindu é de tôdas as mulheres do mundo a mais deplorável, a mais humilhante, a mais desumana.

A lei de Manú regulamentou-lhe a sorte de forma tal que a infeliz criatura mal respira dentro dum círculo de prescrições draconianas e crueis, muitas das quais, para honra da Inglaterra,

têm desaparecido, como, por exemplo, a do *sati*, costume bárbaro, em consequência do qual tôda a viúva tinha de ser queimada sôbre o túmulo do marido.

Parece que por a mulher hindu ser tão injustamente tratada pelas leis bramânicas, a natalidade feminina é inferior à masculina, porquanto os dois sexos estão na proporção de 903 mulheres para 1.000 homens.

Será em virtude desta desproporção que se pratica nas Índias uma tal ou qual poliandria, ou casamento de grupo, como no caso a que Camões se refere, dizendo: *gerais são as mulheres, mas sômente para a geração dos seus maridos?*

\*

\* \*

Os mouros de Calecut alvoroçados ficaram com o inesperado advento dos portugueses, nos quais nunca tinham pensado e muito longe estavam de prever um tão extraordinário acontecimento.

Os mouros adivinharam logo o perigo que para o seu comércio e seu proselitismo lhes adviria da parte dos portugueses, cuja provável concorrência iria com certeza ferir os interesses comerciais e religiosos da gente maoméica. Por isso procuraram em breve pôr entaves ao estabelecimento de relações entre os nossos e o Samorim, a quem diziam serem os portugueses *gentes inquietas*

« Que os mares discorrendo occidentais  
vivem só de piráticas rapinas,  
sem rei, sem leis humanas ou divinas ».

Os mouros, à vista de quem de tão longe e tão ousadamente vinha, tiveram o natural receio de perder o tráfico das riquezas do Oriente, consistindo em pérolas de Ceylão, rubis de

Birmânia, diamantes de Punnah, e nas excitantes e perfumadas especiarias — o cravo, a pimenta, a canela e a noz moscada.

Mas, a-pesar-de tôdas as resistências, de todos os obstáculos, de tôdas as dificuldades, os fados determinaram que o Império das Índias sob o domínio português fôsse uma realidade, pôsto que efêmera, na qual se vincularam as energias tôdas duma nação pequena como a nossa, mercê dos *temidos Almeidas por quem sempre o Tejo chora*, mercê do terrível Afonso de Albuquerque, diante do qual *o mar roxo tão famoso se tornava amarelo de enfiado*, mercê dum D. João de Castro, cujos pêlos da barba valiam mais do que ouro.

Foram essas almas enérgicas e duras, quási sempre sem escrúpulos e sem compaixão, vontades autoritárias e fortes, importando-se mais com fazer-se temer do que com fazer-se amar, foram essas almas que deram maior realce às nossas cruzadas ao Oriente, mais admiráveis e mais proficuas, sem dúvida, do que as dirigidas na Idade-Média à Terra Santa, onde o crescente mussulmano ficou dominando a cruz cristã.

E o resultado das cruzadas medievais foi tão pouco brilhante em comparação das nossas que para aquelas não apareceu uma obra de arte ou de literatura que as exaltasse, ao passo que para as dos portugueses nasceu um Luís de Camões que, sublimando-as em *estilo grandiloquo e corrente*, as imortalizou.

Ditosa pátria que se orgulha de ser das poucas cujos feitos foram dignos duma epopeia.

Ditosa pátria que se ufana com ter sido berço dum personagem, que as batalhas assinalaram, cujos amores por Natércia deram causa ao mais formoso soneto da nossa língua, a quem as viagens ao Oriente inspiraram os imortais *Lusiadas*, personagem que enfim se revelou ao mesmo tempo sábio e poeta.

\*

\* \*

Que ensinamento se pode colhêr de tão modesta conferência?  
Que concluir da exposição feita?

Dividido o nosso trabalho em duas partes bem distintas, tem a primeira parte um carácter puramente literário, ao passo que a da segunda é científico.

Pretendemos salientar naquela primeira parte o valor da Renascença em Portugal, em que Camões se distinguiu como um produto natural daquela época de tamanho fulgor intelectual, de tanta emoção artística, de tão ofegosa curiosidade em ressuscitar o passado como em devassar o desconhecido.

Pretendemos na segunda parte demonstrar que o poema camoneano, à vista das monografias verdadeiramente científicas dêle extraídas, é mais uma obra de ciência do que exclusivamente uma obra de literatura.

Da análise desses extractos lusidiacos vê-se que nêles se encontra sempre um critério de rigor e de verdade, critério êsse só próprio de verdadeira ciência.

Assim, descrevendo o poeta os vários fenómenos metereológicos, não o faz ao acaso, em qualquer tempo ou num lugar qualquer de sua fantasia; a flora da Ilha dos Amores, que se crê ser a ilha da Madeira, não é uma enumeração de plantas que não sejam próprias daquele clima insular; os tecidos da indumentária que cita Camões falando dos indígenas da África e da Índia são tão somente de algodão e sêda e não de lã ou linho por serem textéis desconhecidos nessas regiões.

Tal proibidade científica não se encontra, por exemplo, em Vitor Hugo, o génio verbal do século XIX, pois que, com a sua abundante aparência de documentação, não se importou de trocar

a verdade e de cometer êrros, como aqueles de que está cheio o prefácio do Cromwell, como o de tomar uma *barcarola*, canção de barqueiro, por uma embarcação, o de atribuir ao junco chinês uma velocidade que nunca pode ter, e muitos mais, o que não impede ser a sua obra duma factura maravilhosa, mas, na opinião de Zola, música e nada mais.

Os *Lusiadas* estão em desacôrdo com as recomendações da antiga Academia Francesa, segundo as quais o poeta deveria trabalhar, tendo só em mira a beleza universal que deve agradar a tôda a gente.

O nosso épico soube conciliar a arte com a sciência, adornando esta com os atavios daquela, não deturpando a segunda por amor da primeira.

Ora, uma nação, que assim possui um tesouro inexaurível de sciência e de arte, tem forçosamente de reagir contra o presente tôrvo e indeciso, caminhando ativa para um futuro de paz, de verdade e de amor.

11-11-929.